



FARIA, Ronaldo. Solo contribui para deixar ruas intransitáveis.
Correio Popular, Campinas, 03 mar., 2003.

Solo contribui para deixar ruas intransitáveis

Latossolo vermelho amarelo com textura argilosa e média, sustentado por rochas sedimentares constituídas por associações de camadas de arenitos finos, siltitos, lamitos e diamictitos. Essa análise do solo da região do Campo Grande pode ser considerada “o grande vilão” do lugar. As ruas de muitos bairros parecem verdadeiras crateras lunares cercadas de pequenos lagos por todos os lados. “Em dia de chuva, não dá para circular”, diz Hugo Felipe, morador há 14 anos do Jardim Satélite Íris. Na última grande chuva, crianças de uma escola pública caíram em buracos e, contam os funcionários, até a coordenadora acabou dentro de uma cratera. Para evitar uma tragédia, alunos foram pegos no colo por funcionários para se salvarem das águas que invadiram as salas de aula.

“Tenho comigo aquele ditado que a esperança é a última que morre. Mas morro aqui há 14 anos e a coisa, de lá para cá, só piorou. Tenho certeza de que se colocassem esgoto e asfalto o pessoal ajudaria a pagar”, diz

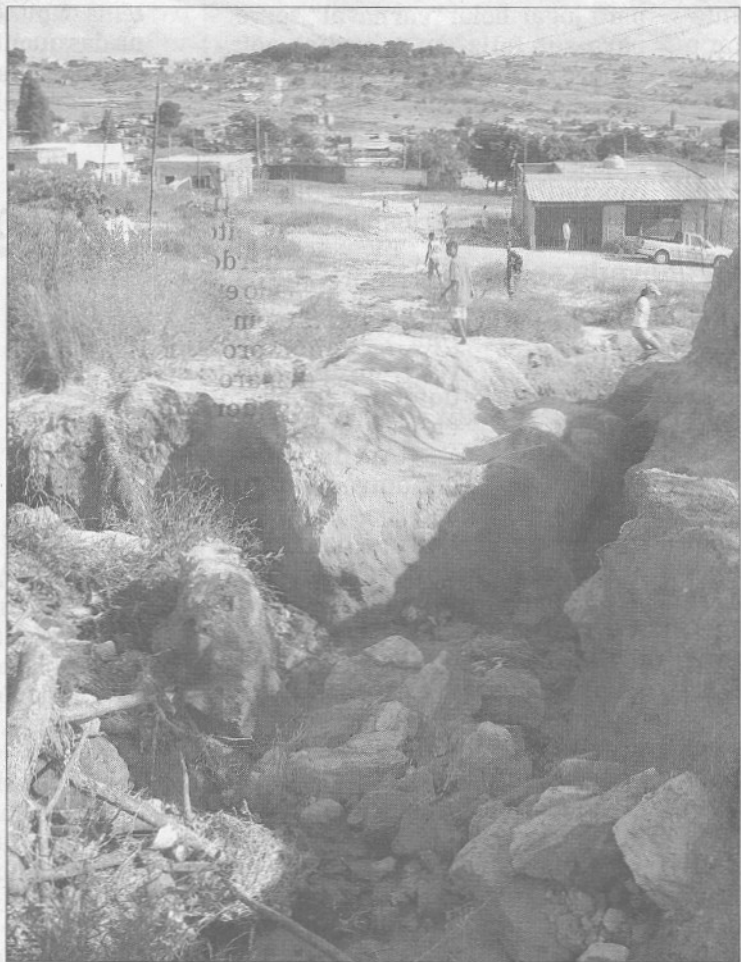
Felipe do alto de quem vê boa parte do bairro da sua varanda. Para ele, “aqui tá tudo apurado, sem socorro e policiamento. Somos o bairro mais antigo da região e o mais esquecido da cidade. O pessoal até se mobiliza por melhorias, mas ninguém liga. A situação está horrível. Não chega ambulância, mas vem IPTU (*Imposto Predial e Territorial Urbano*). Você liga para a Regional (AR) e eles sempre dizem que não tem máquina”.

Apesar de 2002 ter sido declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Ano Internacional da Regularização Fundiária e Urbana, ou seja, mostrando que esse não é um problema apenas de Campinas, nada mudou. E mais: nas últimas décadas as ocupações irregulares de solo na cidade se deram em maior número do que os espaços ocupados através de projetos urbanísticos.

Só nos seis primeiros anos da década de 50 do século passado, o município cresceu em área loteada o equivalente a 75% da cidade então existente. Se levarmos em conta que a região do Campo Grande sofre

com a presença de barreiras físicas, como a linha férrea do Corredor de Exportações da Ferrobarragem, o Rio Capivari, córregos, as rodovias Anhangüera e Bandeirantes, o Gasoduto Bolívia-Brasil e o Complexo Delta, tudo se complica.

“Para aliviar os problemas regionais, é necessário primeiro fazer a drenagem de águas pluviais, detectar os pontos de enxurrada. Quanto à pavimentação, em alguns locais não é possível sequer utilizar asfalto. Será preciso optar por paralelepípedos. Mas, para fazer essas intervenções, o Poder Público teria de arcar com prejuízos financeiros durante alguns anos. São tantos problemas a solucionar que a Administração que investir lá terá um ‘prejuízo’ grande nos cofres, um verdadeiro rombo no orçamento, com resultados práticos para depois de sete ou oito anos, através do retorno do investimento em IPTU”, explica o urbanista Ari Fernandes, reconhecendo, porém, que esse investimento faz-se urgente. Afinal, ainda há gente morando por lá. (RF/AAN)



Erosão deixa rua intransitável: uma “cidade” abandonada